

**Crítica literária e intervenção social nas obras de Antonio Candido e Pier
Paolo Pasolini.**

Ana Clara Vieira da FONSECA¹

216

Resumo: Durante o século XX, a crítica literária ocupou um grande papel na mídia impressa, fato que pode ser observado em diversos países e que se relaciona ao alcance desse tipo de publicação. Estudiosos e intelectuais mantinham colunas em jornais, nas quais publicavam textos que ultrapassavam a análise de obras literárias e correspondiam a verdadeiros panoramas da situação política nacional, além de manter a preocupação de esclarecer o pensamento da população. Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini fizeram de sua produção ferramenta para revelar e debater problemas, contradições e circunstâncias enfrentados pelas sociedades brasileira e italiana, respectivamente, de maneira que a intervenção social estivesse sempre ligada às questões e produções literárias. Assim, foram selecionados artigos dos livros *Textos de Intervenção* e *Scritti corsari* com o objetivo de demonstrar a possibilidade de interpretação da sociedade por meio da literatura e apontar proximidades, conexões e divergências entre eles.

Palavras-chave: Crítica literária; literatura; sociedade; crítica acadêmica; crítica militante.

Este artigo tem como proposta central desenvolver uma breve análise dos livros “Textos de Intervenção”, de Antonio Candido, e “Scritti Corsari”, de Pier Paolo Pasolini, de modo a apontar proximidades, conexões e divergências entre eles.

A princípio, observa-se que ambos os volumes correspondem a coletâneas de textos publicados em outros veículos, como jornais, folhetos políticos e discursos proferidos em eventos. Contudo, ao contrário do que ocorre em “Textos de Intervenção”, que foi organizado por Vinícius Dantas e é dividido de acordo com o teor ou a temática de seus textos, “Scritti corsari” é uma edição assinada pelo próprio Pasolini, seguindo um critério cronológico em sua primeira parte.

¹ Doutoranda vinculada à linha de pesquisa Crítica Literária Dialética do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília. Bolsista de produtividade CAPES.

Procurei selecionar textos que mais se aproximam, de acordo com suas temáticas, e tentar traçar paralelos que nos ajudem a compreender melhor o papel e o desenvolvimento da crítica militante realizada por dois grandes intelectuais de uma geração; busco, ainda, refletir brevemente sobre a luta contra o fascismo e regimes opressores em dois países da periferia do capitalismo – Brasil e Itália. Cabe destacar que, ao selecionar os textos a serem estudados, optei por não incluir aqueles que tratavam de análise literária de maneira mais aprofundada e artigos sobre questões como aborto e homossexualidade (temáticas muito exploradas por Pasolini, mas pouco presentes nos escritos de Candido), procurando manter a atenção voltada para os textos em que similaridades poderiam ser encontradas.

Começando por “Textos de Intervenção”, trata-se de um conjunto de textos inéditos que não foram publicados em volumes, apenas em colunas de jornais ou apresentados em discursos e materiais acadêmicos/políticos, reunidos de modo a evidenciar como funciona o conceito de crítica desenvolvido por Candido, mostrando as suas tendências e aquilo que defende nos seus textos, polêmicos e com viés público, sempre deixando evidentes as suas posições radicais.

A combatividade e o conceito de sistema têm uma grande importância nos textos, os quais foram escritos em períodos delicados da política nacional. Candido foi capaz de desenvolver análises literárias sem fazê-las instrumento da política, mas sempre empregando perspectiva histórica e social; para ele, teoria e prática funcionam como uma unidade. O livro é dividido em quatro partes, a saber: “Direções”, “Argumentos”, “Conduta” e “Conjuntura”, conforme veremos a seguir.

Em “Direções”, são publicados textos que apresentam ao leitor a “paixão do concreto” que, segundo o crítico, seria a principal característica dos intelectuais de sua geração. Por isso, estão presentes nesta etapa artigos que demonstram o criterioso método de pesquisa de

Candido, com levantamento minucioso de dados e processos técnicos, retomada de conceitos e noções importantes, com uma avaliação do universo particular de cada obra que lhe permite, em seguida, conectá-la a referências históricas e sociais. É interessante o destaque que Vinícius Dantas faz para o fato de que o estilo de Candido deixa claro o cuidado que o crítico toma para que o seu vocabulário de especialista não se sobreponha ao talento de escritor. Somos apresentados, assim, ao conceito de crítica funcional – “uma crítica que tendia a aferir as obras pelo grau de participação no destino de sua época” (CANDIDO, 2002, p. 17) – e à noção segundo a qual a literatura tem uma função compreensiva e humanizadora que é, em sua raiz, problemática, pois revela tensões e contradições psicológicas, sociais e formais sem tentar solucioná-las imediatamente. Além disso, é neste capítulo que fica claro o fato de que os problemas sociais e culturais estão relacionados a um processo histórico contraditório, incerto.

Em “Argumentos”, o foco está na análise de obras literárias mais intensivamente, é a crítica da produção contemporânea, de modo que não há muita possibilidade de aproximação com os textos publicados por Pier Paolo Pasolini em “Scritti corsari”, que são mais voltados para a crítica social, corsária.

Na seção “Conduta”, encontramos os textos que, possivelmente, mais se aproximam da coletânea de Pasolini em análise. Aqui, os artigos estão organizados em dois blocos: o primeiro diz respeito ao material publicado em contexto de Segunda Guerra e fim do Estado Novo; o segundo apresenta textos publicados quase meio século depois, ao final do século XX. Em ambos os períodos, percebe-se a manutenção da coerência intelectual de Candido, sempre consciente de sua responsabilidade política e social, além do seu engajamento com questões importantes para a luta contra as formas reacionárias de pensamento – para o autor, o foco do combate da sua geração. Estão em pauta questões que chamam a atenção do leitor para os dilemas

coletivos a serem enfrentados e para o empenho político dos intelectuais em atividade na década de 1930. A figura do intelectual universitário na luta política é definida nos seguintes termos: “Cada um com as suas armas. A nossa é essa: esclarecer o pensamento e pôr ordem nas idéias” (CANDIDO, 2002, p. 230). Para Vinícius Dantas, o posicionamento do crítico é o seguinte:

A ser doutrinário, Antonio Candido preferiu sempre ser socialista por inteiro. Em quase todos, senão todos, os textos desta seção, o ideal socialista pôde ser testado sem programa em situações práticas que produzem imaginação social, politização sem partidarização e ângulos novos, freqüentemente radicais, sobre misérias antigas e avanços reais, às vezes pouco evidentes, pressagiando possibilidades efetivas de socialismo em um mundo podre de desigualdade (2002, p. 235).

Na última seção, “Conjuntura”, estão compreendidos os textos nos quais Antonio Candido analisa a conjuntura política brasileira. São artigos publicados, principalmente, na *Folha Socialista*, vinculada ao Partido Socialista Brasileiro, o qual Candido ajudou a fundar. São intervenções clara e intensamente políticas, versando sobre temas como o parlamentarismo, o federalismo e o panorama nacional com relação aos partidos políticos, além de abordar, assim como Pasolini, as novas modalidades de fascismo que surgem no pós-guerra.

Os “Scritti corsari” de Pier Paolo Pasolini são uma coletânea de textos compilados pelo próprio autor e que, em sua maioria, foram publicados anteriormente em colunas do “Corriere della Sera”, “Il tempo”, “Mondo”, etc. Após os textos que fizeram parte dos jornais, encontramos uma seção denominada “Documenti e allegati”, a qual contém alguns textos inéditos e análises críticas de obras literárias ou filmes.

A primeira parte, intitulada – como o livro – “Scritti corsari”, está estruturada cronologicamente, de modo que os textos ali reunidos possibilitam ao leitor uma compreensão maior a respeito dos acontecimentos políticos da Itália entre 1973 e 1975. Nesse material, é

bastante evidente a busca da realidade pelo autor que tenta, por meio da mídia impressa, conscientizar as massas a respeito dos perigos do capitalismo e da fetichização da sociedade de consumo.

É indispensável observar que crítica realizada por Pasolini tem um direcionamento muito claramente desenvolvido nos textos dessa coletânea, problematizando a mídia, a classe política, a situação e o papel do intelectual nesse cenário, além de posturas a serem tomadas frente ao avanço da cultura de massa. Desse modo, o crítico faz um alerta à sociedade a respeito do surgimento de uma nova forma de fascismo, o neofascismo da sociedade de consumo, ao passo que chama a atenção do leitor para questões como a luta de classes, a condição italiana do pós-guerra e a função humanizadora da arte – sempre em conexão com o mundo dos homens.

No início do livro, há uma “Nota introduttiva” escrita por Pasolini, na qual o autor esclarece a importância do papel do leitor para o volume, retomando questões relativas à necessidade de se fazer conexões ao juntar fragmentos de uma obra tão dispersa, sempre unindo a arte e a humanização. Ali, nota-se o humanismo de Pasolini, além do seu compromisso com o verdadeiro realismo – aquele capaz de, por meio da verdadeira obra de arte, humanizar e superar alienações.

Para propor as aproximações iniciais, chamo a atenção para o artigo de Antonio Candido intitulado “Notas de Crítica Literária – Overture”, presente na primeira parte de “Textos de Intervenção”: “Direções”, texto este que marca o início de suas publicações no jornal *Folha da Manhã*. Vinicius Dantas, em uma nota do organizador, esclarece que era comum no período a prática de propor diretrizes para uma coluna que ainda não tinha público definido. O que se encontra nesse artigo é uma reflexão acerca do que se deve esperar de um crítico, qual seria o papel do intelectual naquele contexto e em que consistiria a sua verdadeira tarefa. Nesse contexto, Candido diz não haver “crítica

científica”, visto que toda atividade crítica deve pressupor um relacionamento com a sociedade, e conclui que a tarefa do crítico estaria mais relacionada a poder integrar a significação de determinada obra em seu momento cultural do que a vê-la como origem de variações pessoais; além disso, seria possível tirar da obra uma orientação para a conduta em sociedade. Para o autor, mais valor tem um crítico partidário do que um “disponível”, visto que a disponibilidade intelectual seria um indício de falta de caráter.

Em “Scritti corsari”, há um texto que me parece se relacionar bem com este material de Candido: o intitulado “Marzo 1974. Gli intelletuali nel '68: manicheismo e ortodossia della ‘Rivoluzione dell’indomani””. Nesse artigo, publicado como uma intervenção política, Pasolini comenta que, a partir de 1968, os jovens e os intelectuais passaram a acreditar que uma revolução aconteceria a qualquer momento, da noite para o dia, no dia seguinte. Contudo, apesar de tal crença ser aceitável para os jovens, Pasolini afirma que faltou, a esses intelectuais, a análise crítica dos fatos – o primeiro dever de um intelectual; diz, também, que ainda que uma reflexão tenha sido realizada, faltara a ela “vontade real da crítica”. Observa-se que Candido e Pasolini possuem concepções semelhantes a respeito da atividade de um crítico (e de um intelectual): é preciso, antes de mais nada, possuir um compromisso com a realidade, com a sociedade.

Outro artigo de “Textos de intervenção”, parte da seção “Direções”, o qual vale a pena ser destacado é “Notas de Crítica Literária – Um ano”. Nele, após um ano publicando em sua coluna do jornal *Folha da Manhã*, Candido retoma as diretrizes anteriormente traçadas para o trabalho e busca refletir se estaria seguindo aquilo a que se propusera. O autor diz que sempre buscou manter sua atividade crítica vinculada ao seu tempo, sempre relacionando as obras aos rumos que a inteligência moderna estaria seguindo. É destacada a importância de se desenvolver uma crítica participante e racional, outro ponto em que o

pensamento de Pasolini se aproxima de Candido: “Non esiste razionalità senza senso comune e concretezza. Senza senso comune e concretezza la razionalità è fanatismo” (PASOLINI, 1993, p. 26).

Na seção “Conduta”, há um artigo intitulado “Plataforma da Nova Geração”. Em uma nota do organizador, Vinícius Dantas explica que Mário Neme realizou um inquérito publicado nas páginas de *O Estado de S. Paulo*, com perguntas sobre o que poderia ser aproveitado como herança das gerações de poetas e críticos anteriores, se (e como) os seus modelos poderiam ser aproveitados, como a próxima geração poderia ser definida, etc. A resposta de Antonio Candido foi publicada no mesmo jornal e depois integrou o volume “Plataforma da nova geração”. Nesse texto, Candido realiza reflexões acerca da proposta: afinal, caberia definir o papel ou o dever da nova geração?

Ao citar Carlos Drummond de Andrade, Candido defende que o poeta – membro da geração que Mário Nemer pretende julgar – é um exemplo único de sensibilidade com relação ao momento vivido, além de representar o “amadurecimento paralelo aos fatos” (CANDIDO, 2002, p. 239), o que o tornaria muito mais importante para a compreensão das gerações de intelectuais. Contudo, para Candido, a verdadeira literatura brasileira teria começado com a geração de 30, aquela que conseguiu moldar os intelectuais do porvir e direcionar sua orientação por meio das lutas políticas e sua atmosfera de crítica. A geração de Candido seria, portanto, crítica; seu dever estaria relacionado a combater, da melhor maneira possível, “todas as formas de pensamento reacionário” (CANDIDO, 2002, p. 245), pois ele impede que o progresso humano continue se expandindo. E o crítico continua: “Não nos compete, evidentemente, assumir uma cor política qualquer e descer à rua, clamando por ação direta. Cada um com as suas armas. A nossa é essa: esclarecer o pensamento e pôr ordem nas idéias” (CANDIDO, 2002, pp. 245 – 246).

É possível dialogar com o que afirma Pasolini no texto “9 dicembre 1973. Acculturazione e acculturazione”, no qual o autor realiza reflexões acerca da imposição de material, cultura e experiências que é feita pelo centro (aqui, fala-se de Roma) sobre as periferias, de modo que as pessoas que moram em locais mais afastados vêm sua casa como um dormitório, visto que todas as possibilidades de autonomia estão no centro. Seguindo esse raciocínio, o fascismo entra na discussão ao passo que Pasolini defende a ideia segundo a qual o regime totalitário, em suas formas mais tradicionais, não havia sido capaz de implementar tamanho “centralismo”, pois as outras culturas – operárias, camponesas, etc – tinham poder de decisão quanto a aderir ou não ao modelo fascista proposto. Contudo, na sociedade de consumo, a adesão aos modelos propostos pelo centro seria total e sem questionamentos, sufocando os outros modelos culturais. Tal fato se deve à expansão dos sistemas de informação, capazes de entrar nas residências e convencer a população de uma forma que o fascismo tradicional não fora capaz de fazer – é o chamado neofascismo. Retomando o que foi dito por Candido, observa-se a importância de uma formação crítica das massas, do esclarecimento que deve ser levado a todo cidadão, para que a capacidade de discernimento se desenvolva sempre lutando contra o pensamento reacionário.

Outro texto de Candido presente na seção “Conduta” (“Textos de intervenção”) é “Alemanha = Nazismo? ”, no qual o crítico, motivado por uma afirmação de Radcliffe-Brown, propõe-se a refletir sobre a situação da Alemanha no pós-guerra e a luta contra o fascismo. De acordo com Radcliffe-Brown, professor de Oxford, a Alemanha deveria passar pelo castigo de ter o seu território retalhado como forma de “pagar” pelas atrocidades que teria cometido contra os países ocupados durante a Segunda Guerra Mundial, o que se justificaria visto que o professor julgava impossível uma reabilitação do povo alemão. Para Candido, são as condições históricas e mesológicas que determinam a inclinação de

um povo, de modo que um povo guerreiro só poderia se tornar pacífico se as condições que o levam à guerra fossem substituídas por aquelas em que a paz seja possível. Assim, chegaria a época em que todos os povos da Europa se uniriam aos alemães para lutar contra o que restasse de nazismo e totalitarismo no continente. Candido defende que não se deve tentar vencer o fascismo usando os seus métodos, de modo que a solução é estender a mão à Alemanha para construir um mundo livre de fascismo.

É oportuno retomar, então, o conceito de neofascismo apresentado por Pasolini, segundo o qual a nova faceta do fascismo está na sociedade de consumo, na alienação e na exclusão proporcionadas por ela. De acordo com essa lógica, é evidente que retalhar o território alemão não surtiria efeitos para impedir que novos regimes opressores se estabeleçam; pelo contrário, só deixaria ainda mais margem para a segregação. Em uma realidade na qual os sistemas de comunicação são responsáveis pela manipulação do povo, apenas por meio da luta e do esclarecimento será possível traçar o caminho inverso.

O último texto de “Conduta” – parte de “Textos de Intervenção” – a ser estudado aqui é “Sobre a violência”. Nesse artigo, Candido explica suas declarações a respeito da violência após ser acusado, por Miguel Reale, de ter defendido a prática em uma entrevista. Portanto, o crítico utiliza sua coluna na *Folha da Manhã* para esclarecer seu posicionamento. Ao ser questionado pelo entrevistador se era favorável à luta armada, Candido responde que a violência é uma possibilidade na ação política, mas não é essencial, de modo que o problema estaria na capacidade do político de decidir como e quando ela deve ser empregada. Assim, o crítico esclarece ser contra a violência pela violência, mas que a mesma é necessária quando a luta armada “se baseia numa concepção revolucionária correta e se traduz pela organização adequada” (CANDIDO, 2002, p. 289). É dito, ainda, que a violência tem sido usada, no Brasil e na maioria das vezes, pela direita e

pelo centro, mas que é parte da ação política de esquerda também – com a diferença de que direita e centro acham-na benéfica e legítima, mas seria intolerável o seu uso pela esquerda.

No texto “Il genocidio”, Pasolini encara como uma forma de violência a destruição de valores da sociedade italiana, assim como a supressão de grande parte dessa sociedade. O autor retoma, então, a pesquisa realizada quando escrevia um novo romance – “Ragazzi di vita”, provavelmente –, quando percebeu que os jovens, principalmente os rapazes, que vivem na rua, perderam o seu antigo modelo de vida e tentavam imitar os modelos das classes dominantes. Para Pasolini, tem-se aí um exemplo do grande genocídio cultural que ocorria na Itália, da violência presente no capitalismo.

Quanto à última seção dos “Textos de intervenção”, intitulada “Conjuntura”, analisaremos o artigo “O tempo do contra”. Aqui, Candido defende que sua geração estaria vivendo um período do contra, uma cultura contrária em muitos sentidos. São famílias em que os filhos são contra os avós, os pais, os irmãos; a moda costuma ser contrária ao que estava em vigor anteriormente; é, em suma, uma crise de civilização. O mesmo ocorre na arte, com relação ao surgimento das vanguardas e das tentativas de superação de estéticas anteriores. Para Candido, toda essa contrariedade tem sua origem no capitalismo:

[...] de um lado, situa um capitalismo, um capitalismo fortíssimo, um capitalismo extremamente poderoso, o capitalismo da era dos monopólios, e de outro lado coloca – como nunca houve em outro momento da história da humanidade – um desejo generalizado de igualdade, de distribuição equitativa dos bens, que é incompatível com esse capitalismo (CANDIDO, 2002, p. 372).

Portanto, sendo contra o capitalismo, Candido conclui que seremos, finalmente, a favor de alguma coisa: a favor dos movimentos contrários a esse capitalismo. Assim, qualquer movimento de abertura surge pois houve um movimento contra a opressão, a censura, a ditadura. Pasolini, em seu artigo intitulado “Sviluppo e progresso”,

analisa os usos e os significados das palavras “desenvolvimento” e “progresso”, questionando se as duas seriam sinônimas, se indicariam momentos diferentes de um mesmo fenômeno ou se diriam respeito a fenômenos similares, por exemplo. Para o autor, a palavra “desenvolvimento” seria mais utilizada em contexto de direita, pois aqueles que buscam o desenvolvimento são os industriais, os que produzem bens supérfluos. O progresso, por outro lado, seria almejado por operários, camponeses, intelectuais de esquerda... aqueles que trabalham e são explorados. Assim, a direita quer o desenvolvimento, enquanto a esquerda busca o progresso. Contudo, Pasolini diz:

[...] un lavoratore vive *nella coscienza* l'ideologia marxista, e di conseguenza, tra li altri suoi valori, vive *nella coscienza* l'idea di 'progresso'; mentre, contemporaneamente, egli vive, *nell'esistenza*, l'ideologia consumistica, e di conseguenza, a fortiori, i valori dello 'sviluppo'. Il lavoratore è dunque dissociato. Ma non è il solo ad esserlo. (PASOLINI, 1993, p. 177).

Em “Textos de intervenção” e “Scritti corsari”, percebemos Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini exercendo a atividade crítica de modo a intervir na sociedade, sempre tentando utilizar as suas ferramentas como intelectuais para esclarecer o pensamento, elucidar questões importantes e combater o pensamento reacionário, o fascismo e instituições opressoras.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**; seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002. 392 p.

PASOLINI, Pier Paolo. **Scritti corsari**. Milão: Garzanti, 1993.